

Sobre *humanismo e terror* de Maurice Merleau-Ponty¹

Georges Bataille

Tradução de Gustavo Ruiz da Silva*

& Alexandre de Lima Castro Tranjan**

Um pequeno livro, *Humanismo e Terror*², de Maurice Merleau-Ponty, acaba de dar forma precisa à questão fundamental posta em 1948 ao mundo todo: a saber, a de qual prevalecerá no governo dos homens: a razão ou a violência.

*

Outrora, a questão não se punha da mesma maneira.

Na minha infância, era tudo evidente: um homem civilizado era claramente um ser da razão, e a história era a vinda ao mundo, por etapas, de uma humanidade civilizada, sendo ao mesmo tempo o lento, mas certo estabelecimento da razão.

Aqueles que não deixaram a infância antes da guerra de 1914 não podem ter ideia da gentileza [*bonhomie*] que à época reinava. Pensariam, já, que o mundo estava bem como estava, ou seja, que a razão havia dominado a violência. Tal era a ideia comum entre conservadores e liberais. Os primeiros pensavam, de fato, que as transformações traziam o risco de reintroduzir a desordem; os segundos — radicais e socialistas moderados — que se devia eliminar, pouco a pouco — *sem violência* —, o que permanecia da opressão não fundada na razão.

As forças da reação e da revolução restavam como únicas ameaças. Mas os reacionários tinham o ar por demais civilizado: eles não faziam medo a ninguém. E, de todos, os revolucionários tinham a maior confiança na razão. Eles eram simplesmente os menos otimistas: eles não criam, como os outros, que o mundo atual era *já bem feito*. A

¹ N.T.: Artigo publicado sob a referência: BATAILLE, G. “Sur humanisme et terreur de maurice merleau-ponty”. In: GALLIMARD. *Les Temps Modernes*, 2005/1 n° 629, pp. 29-34. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-temps-modernes-2005-1-page-29.htm>. Este texto inacabado sobre *Humanismo e Terror*, de Maurice Merleau-Ponty, foi redigido ao final de 1947 para a revista *Critique*. A *Critique* não o publicou, permanecendo inédito até o dia de hoje (2005). O texto foi estabelecido e anotado por Marina Galletti.

* Doutorando em Filosofia pela University of Warwick (Reino Unido) e pela Monash University (Austrália). Bolsista da Monash-Warwick Alliance. E-mail: ruizdasilva.gustavo@icloud.com

** Doutorando em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: alexandre.tranjan@usp.br

² MERLEAU-PONTY, M. *Humanisme et Terreur. Essai sur le problème communiste*, Paris: Gallimard, 1947.

razão ainda não o dominava. E, para assegurar sua dominação, era necessário recorrer primeiro à violência.

Em resumo, tratava-se antigamente de saber como a razão prevaleceria sobre a violência, mas não, como hoje em dia, qual dos dois princípios prevalecerá.

*

A ideia de um absurdo fundamental é insinuada lentamente, à maneira de um larápio usando sapatos de feltro. Ademais, ela não tomou abertamente os espíritos, como outrora a razão. Ela é um medo lancinante, como aquele de uma criança que dorme mal, e que escuta durante a noite barulhos assustadores: com o tempo, esses ruídos tomam corpo³...

Houve a guerra e, no momento de Verdun, o horror deu uma surda impressão de imensidão: alguma coisa não mais estava ao alcance da medida do homem. Se sonharmos com a vida pregressa de um herói caído em Verdun...

Então, a luta política deixou o pódio: ela se prolongou na Rússia, na China, na Espanha, em guerras sem prisioneiros e em operações de terror. É difícil dizer em que medida a lembrança de 1939 se enfraqueceu ao longo de quarenta anos.

Como no reino de Elsinore, há algo de podre na ideia de liberdade. Somos assombrados por um “universo” de repressão: pense em *L’Univers concentrationnaire*, de Rousset⁴; se a tocha da Liberdade iluminou o mundo, horror demais teve que ser posto sob a luz. E a própria palavra, em sua totalidade, é dominada pelo mal: as palavras ficam pegajosas, têm o cheiro ruim da malandragem!

O que resta, na superfície, de esperança ou certeza calma, às vezes parece não ser nada mais do que estupidez, rotina, necessidade de preencher o tempo.

Não é ruim vivermos o momento presente, acima das palavras pobres, mas a angústia, no fundo, nos derruba.

*

Com razão, Merleau-Ponty enfatiza o problema-chave, que está no fundo de todos os outros.

³ Página riscada: 92, verso: “O que caracteriza a vida de nosso tempo, a humanidade de 1948? // É, evidentemente, a incerteza. // Eu me lembro de minha infância: tudo era claro antes de 1914. Cada coisa tinha um sentido. Pouco de insensatez. A atividade humana seguia um vasto plano. A humanidade punha na fórmula de Marx apenas problemas que ela podia resolver. A vida humana era, sem a menor dúvida, algo de possível. Havia tensões revolucionárias. As tensões não serviam senão para esperar mais. Havia uma reação. Mas a reação, em suma, insistia na [frase incompleta].

⁴ ROUSSET, David. *L’Univers concentrationnaire*. Paris: Editions du Pavois, 1946.

Quando a violência é usada para fazer reinar a razão – que é a supressão da violência – não temos que deplorá-la; pelo contrário, podemos nos alegrar. Mas e se o recurso racional à violência só der um resultado duvidoso, do ponto de vista da razão? E se for certo que a violência foi desencadeada, mas menos certo que nos aproximou de um estabelecimento da razão? Merleau-Ponty rejeita as visões cruas dos anticomunistas, mas, diz ele, “a URSS não é a ascensão em plena luz do dia da História do proletariado como Marx a definiu”. O caminho da violência escolhido pelos soviéticos para acabar com a violência não teria levado exatamente para onde foi decidido.

Não diremos, especifica Merleau-Ponty, que a URSS poderia sobreviver de outra forma. Perguntamo-nos se, em vez de uma sociedade humana aberta aos proletários de todos os países, não veremos surgir um novo tipo de sociedade, que ainda precisa ser estudada, mas na qual não podemos reconhecer o valor exemplar do que Marx chamou de “sociedade sem classes”⁵.

A questão envolve a do valor do marxismo como guia, e Merleau-Ponty mostra precisamente que só o marxismo introduz no tempo a perspectiva de uma redução do mundo da violência à lei da razão. No entanto, foi, sem dúvida, ingênuo em algum momento, mas *possível* imaginar a violência já superada. Hoje dizemos que isso é hipocrisia ou tolice. E de duas coisas uma: ou a humanidade é apenas absurda – conforme a fórmula de Shakespeare “uma história contada por um idiota, sem significado algum”, o que, de fato, limita tudo se a violência prevalecer – ou ela tem um sentido, no qual a desordem adquire o valor de um desvio em direção à ordem.

*

Merleau-Ponty, ainda, apresenta um interesse adicional. O conhecimento sério que ele tem da filosofia de Marx é duplicado pelo da filosofia de Hegel. E ele está bem ciente das ligações detalhadas que articulam o primeiro ao segundo. Isso permite que ele veja o problema de cima. E, neste sentido, devemos conceder ao seu livro um alcance excepcional. Mas talvez haja aqui, por outro lado, uma razão para marcar seus limites. Há uma profunda diferença entre Hegel e Marx: para Hegel, só se pode dar sentido à história após o fato; Marx, ao contrário, dá-lhe um sentido para além do momento presente, que é o objetivo da ação marxista: é o estabelecimento de uma sociedade sem violência (isto é, sem classes). Assim Marx define a ação estreita de um partido, às vezes

⁵ N.T.: No original, encontrava-se entre aspas e integrado ao corpo do texto. Por ser uma citação longa com mais de três linhas, decidi-se aqui deslocar o texto tal como indicado na ABNT.

deixando em segundo plano o que dominava em Hegel: a concorrência⁶ de elementos, de fatores sem unidade, de tendências, de orientações indecisas. Marx dava, além disso, menos que Merleau-Ponty o valor decisivo à ação consciente, à política. Isso marca o limite do ponto de vista de Merleau-Ponty, que obviamente se preocupa menos com os resultados do que com a moral. Ele estranhamente negligencia o fator econômico, esquecendo que as contradições do capitalismo, *somadas* às ações de seus adversários, estão conduzindo rapidamente o mundo para uma organização muito diferente daquela em que vivemos. De um ponto de vista amplo, não importa, mesmo que secundariamente — importa especialmente para o homem preocupado com a moralidade pessoal — se dado empreendimento é correto ou não. Talvez a coisa mais importante não seja o significado exato de uma tensão, mas sim a tensão ela mesma. Quer a URSS seja ou não o que um socialista de 1900 sonhava, a tensão que ela introduz no mundo contribui para resolver os problemas essenciais. E, mesmo que a URSS fosse destruída, se faltasse essa tensão, o capitalismo americano continuaria condenado à destruição interna.

Devemos elogiar muito Merleau-Ponty por ter ampliado o problema colocado. Sem dúvida, uma ortodoxia constantemente subordinada às necessidades de uma ação tortuosa muitas vezes deixa apenas uma visão sem amplitude. Um partido nunca tem o ponto de vista mais amplo. Ele deve *escolher*. Mas, como bom existencialista francês, Merleau-Ponty passou da estreiteza da *escolha já feita* para a menos marcada *escolha a ser feita*. Ainda é uma estreiteza: a da moralidade, a da angústia. Como não dizer aqui que além da preocupação de conduzir, ou de fundamentar moralmente a ação, há um ponto de vista mais geral, que Hegel indica, e que a angústia rouba de Merleau-Ponty? Mas ele pressupõe uma adesão tão completa à nossa situação humana que, de certa forma, entramos na própria convulsão. Isso nem sempre é possível, mas quem não vê razão e violência tão confusamente misturadas na presente convulsão, tornando-a até fundamental?

Antes de agir afirmando posições fechadas, não há, primeiro, mal-entendidos a serem resolvidos?

⁶ No verso da página 99 lemos: “Na época de Verdun, era imenso, era infernal. Estava além da medida do homem. Basta pensar nas vidas anteriores dos heróis que caíram em Verdun. Por um lado, havia algo completamente desumano no sistema de catástrofes. Por outro lado, o humano tornou-se antes o pequeno burguês, a vidinha muito sábia. // Então as convulsões políticas entre as duas guerras ficaram feias. Guerra civil e terror na Rússia e depois na Espanha. Na China, horror além do poder. E de uma forma discreta no início, o universo dos campos de concentração foi organizado como a necessidade regular de um mundo muito infeliz”.

Recebido em 28/01/2023

Aprovado em 03/10/2023